

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 - TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 97 — Domingo, 17 de Abril de 1955

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS
PREMIADA COM O DIPLOMA DE MÉRITO
AS OFICINAS GRÁFICAS PREFERIDAS
PELAS PRINCIPAIS FIRMAS DO PAÍS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3

A ELECTRICIDADE E A CRIAÇÃO DE NOVAS INDÚSTRIAS NO ALGARVE

VÃO começar os trabalhos preliminares para a electrificação da nossa província e tenciona a empresa concessionária levar a energia às principais povoações antes do prazo estabelecido no contrato. Quer isto dizer que dentro de três anos o Algarve terá electricidade abundante e naturalmente mais barata.

A electrificação da nossa província vem abrir um campo vasto à industrialização; ponto é que o algarvio abandone os seus hábitos rotineiros e conformistas e se disponha a assentar praça na falange activa dos industriais portugueses. Até agora, talvez porque a electricidade seja na nossa província um artigo de luxo, não exibimos qualquer capacidade criadora no que se refere a actividades industriais. Limitamo-nos às nossas industrias tradicionais, e nem mais um passo demos, como se todos calçassemos os pesados botes de chumbo dos mergulhadores. E, no entanto, ninguém com dois dedos de testa poderá afirmar que a nossa província não tem condições para nela se estabelecerem industrias novas. E no conjunto das nossas terras — não pomos nesta afirmação a menor paixão bairrista — Vila Real de Santo António ocupa uma situação de privilégio, que ninguém, com justiça, lhe poderá negar. E que nós aqui temos uma porta aberta para o mundo, a qual nos permite receber e expedir sem encargos de maior. E esta circunstancia

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

MOVIMENTO JUDICIAL

Dr. Pedro Mil-Homens

FOI nomeado Corregedor do Circulo Judicial de Évora o nosso ilustre comprovinciano e prezado assinante, sr. dr. Pedro Pacheco Neto Mil-Homens, que recentemente, pela promoção a primeira classe, fora colocado como juiz de uma das Varas de Lisboa.

Magistrado distintissimo, serviu em diversas comarcas algarvias (e, entre elas, a nossa), em todas granjeando vasto prestígio e o mais alto apreço. O facto de ter sido agora escolhido para a importante comissão que vai desempenhar, significa o reconhecimento oficial das suas brilhantíssimas qualidades.

O «Noticias do Algarve» apresenta ao sr. dr. Pedro Mil-Homens sinceros cumprimentos de felicitações.

Dr. Xavier Fernandes

PELO último movimento judicial, foi promovido à 2.ª classe e colocado na comarca de Silves o sr. dr. Afonso Gonçalves Xavier Fernandes, que serviu na nossa comarca como delegado do Procurador da República e que, pela afabilidade de seu trato, apuro e inteligência, aqui deixou inúmeras amizades.

Apresentando ao sr. dr. Xavier Fernandes os nossos cumprimentos, desejamos-lhe, sinceramente, as maiores felicidades.

PRIMAVERA TENEBROSA

A memória de JOÃO CAPUZ

Chegou hoje a Primavera
Com o seu manto cinzento,
A traçar uma quimera
Na asa leve do vento...

Será esperança azul
Ou um sonho oriental?
Um jogo alegre, tufal,
Uma mesa de cristal?

O tempo segue o seu rumo
Como um veleiro à bolina;
E' sempre o mesmo resumo
Numa sóbria cavatina...

As quatro estações do ano
São quatro vitelos brancos:
Umaz vezes fazem dano,
E outras vezes ficam mancos...

A Primavera chegou
E em tudo pôs o seu visto:
Bateu à porta e entregou
As cinco chagas de Cristo!

Depois, a noite desceu,
O frio aumentou de novo,
As nuvens negras do Céu
Molharam filhos do Povo...

Também eu fiquei molhado,
Gemendo na minha cruz,
Por este dito apressado:
«Morreu o João Capuz!»

Amigo da velha guarda,
Um esteta verdadeiro,
Que dava lições em barda
A qualquer aventureiro!

Cultivava as elegâncias
Dos velhos antepassados:
Foi em muitas circunstâncias
O modelo dos honrados.

E-ta fatal Primavera
Encheu de mágoa o registo,
Transformou-se numa fera
E trouxe-me a Cruz de Cristo!...

Portimão, 21-3-1955
MARCOS ALGARVE



O ALGARVE exaltado

POR UM DOS SEUS GRANDES ADMIRADORES

DANIEL Constant é um apaixonado pelo Algarve. Jornalista nortenho, redactor do prestigioso diário «O Primeiro de Janeiro», não perde ocasião de exaltar, em prosa de fino recorte, as belezas e os encantamentos da nossa provincia. O Algarve deve-lhe muito e graças às suas crónicas, muita gente do Norte tem descido à nossa região para admirar as paisagens encantadoras dos nossos campos e das nossas serras e as belezas e atractivos das nossas praias. O seu interesse por este bocado privilegiado da terra

portuguesa já lhe foi agradecido publicamente pela nossa casa regional na capital. Daniel Constant publicou agora uma outra crónica brilhante sobre o Algarve, da qual nos permitimos extrair o trecho que a seguir transcrevemos, agradecendo-lhe a generosidade com que sempre tem visto a nossa provincia.

Descida a serra, aparece-lhe o Algarve das herdades, das figueirinhas torcidas e rastejantes, das alfarrorges de folha envernizada

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

O AZEITE ALGARVIO SOFRE ANUALMENTE UMA DESVALORIZAÇÃO DE 9.000 CONTOS DEVIDO À ACÇÃO NEFASTA DA MOSCA DA AZEITONA

Pelo Dr. A. DE SOUSA PONTES

II

NO Congresso Internacional de Florença, destacou-se o valor da luta biológica, como a melhor maneira de pôr ao serviço da agricultura biliões de servidores que seriam os inimigos mortais da mosca da azeitona, e sem que os agricultores tivessem de preocupar-se com a sua acção.

Mas logo se verificou que a descoberta dos insectos inimigos das moscas da azeitona e o estudo das condições para o seu estabelecimento permanente nas diversas regiões oleícolas, além de ser demorado, seria forçosamente dispendio-

so e exigiria o concurso de muitos especialistas — e que aliás não abundam — exigindo, por isso, esta obra uma apertada colaboração internacional.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)



MOVIMENTO DO PORTO COMERCIAL DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

NO TRIMESTRE FINDO

NO prosseguimento da nossa tarefa de compilarmos por toneladas, mercadorias e nacionalidades, os elementos numéricos relativos ao movimento de navios mercantes nacionais e estrangeiros neste porto, damos a seguir a discriminação referente aos meses de Janeiro, Fevereiro e Março, deste ano, expressa em toneladas:

Mercadoria descarregada:	Toneladas
Folha de flandres	186
CARGA EXPORTADA:	
Minério para cabotagem (valor: 2.502 contos)	15.440
Minérios (valor: 2.000 contos)	5.255
Enxofre (valor: 1.056 contos)	2.298
Alfarroba (em fardos)	3.208
Grainha de Alfarroba	100
Sal (a granel)	1.710
» (em sacos)	405
Amêndoas	288
O'leo de bagaço	151
Conservas	180
Figos	97
Cortiça em sacos (225 sacos)	23
» » fardos	11
Massa de marmelo e Empreita	2
Total	29.058

Os navios nacionais e estrangeiros que atracaram ao molhe deste porto, para carregarem e descarregarem mercadorias, foram das seguintes nacionalidades e arqueações:

Nacionalidade	Número de navios	Tonelagem
Portuguesa	18	19.890
Alemã	7	9.926
Britânica	5	8.150
Panamenha	3	4.471
Suíça	6	3.613
Dinamarquesa	1	1.828
Espanhola	5	1.653
Italiana	1	1.306
Marroquina	2	512
Holandesa	1	498
Total	49	51.847

Pelos números expressos, pode verificar-se o incremento que o porto tem experimentado em relação ao ano anterior, notando-se que se mantém a boa ordenação no serviço do cais, competência do pessoal e interesse de bem servir a navegação e os exportadores e importadores que do nosso porto se utilizam.

A maior quantidade de sal carregado no nosso porto, no período de Janeiro a Março, foi exportada pelo sr. António Rodrigues Rosa, com 1.350 toneladas a granel, e 372 toneladas em sacos.

A IMPRENSA regionalista

A SUA UTILIDADE E A NECESSIDADE DUM CONGRESSO QUE VENTILE OS SEUS PROBLEMAS E PROCURE MEIOS PARA A SUA PROTECÇÃO

Por JOSÉ GONÇALVES RODRIGUES

NAO é demais debater um assunto que consideramos de excepcional interesse para a vida da pequena Imprensa, também chamada Imprensa Regional, porque ela representa uma força viva nos meios pequenos, onde a sua acção se devolve.

E essa acção é de todo o ponto meritória — excepcionalmente

proveitosa — porque se exerce directamente sobre um público reduzido, mas muitas vezes apático, desinteressado, sem iniciativa e sem ânimo para se lançar em empreendimentos que valorizem a região onde o jornal actual!

E é fora de dúvidas que o jornal, debatendo os assuntos, lançando alvites, propondo melhoramentos, agitando ideias, é uma força viva que acicuta os ânimos, conseguindo muitas vezes despertar problemas adormecidos e interessar as autoridades superiores na solução de outros que estavam esquecidos ou nunca tinham sido lembrados.

Parece-nos que é tempo de se olhar pela pequena Imprensa com atenção, dando-se-lhe as regalias ou vantagens a que tem direito, pelo desinteresse com que trabalha, pela soma de sacrificios que a sua manutenção representa e pela utilidade demonstrada na vida das povoações ou regiões onde a sua alma palpita!...

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Congresso da J.O.C.

PARA assistirem ao Congresso da Juventude Operária Católica, que se realiza hoje na Cova da Iria, partiram para Fátima, na noite de sexta-feira, mais de 50 pessoas de ambos os sexos, desta vila, sendo a maior parte filiadas na mesma organização.

Conto Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

História com um barco

Atmosfera irrespirável, hoje. Esta dor de cabeça! Tudo me vem à ideia. Todos os momentos tristes que a vida semeou no meu caminho. Bom, será talvez melhor, para espalpear, contar uma história. Terá de ser uma história simples. Talvez aquela da Francine. De certo conhecem a Francine. Já vos tenho falado dela tantas vezes! Aquela menina de cinco anos com dois olhos de lua cheia. A Francine ainda não tem idade de ir à escola, mas aqui na semana passada acompanhou lá a Ema. Vai a senhora chamou uma menina e mandou-a ao quadro para desenhar o que ela quisesse. A menina desenhou um barco. Que barco! Tal qual. Até o fumo. Era um barco de velas, não tinha cano, mas o fumo é inseparável do barco. As meninas ficaram boquiabertas diante do barco cortando uma onda mais alta. Quando, nisto, a Francine se levantou:

— Minha senhora, falta uma coisa. Espanto geral! Tudo a voltar-se para a intrusa. A professora sorriu e perguntou (ela também era da opinião de que o barco estava muito bem feito): — O que é que lhe falta? A Francine não demorou a resposta: — Faltam-lhe as gaiotas.

Brinquedos

... Parece que só há uma coisa no mundo que me horroriza mais do que os canhões a sério: são os canhões a brincar.

A vida é ruim para os pobres

O Rocha está doente. O Rocha é um funcionário delicado, zeloso, competente. Ganhava pouco. Mas enfim, com esse pouco ia ele aguentando o barco. Ora, o filho adoeceu-lhe num dia, e no outro a mulher. Parece que coisa má. Daquelas que a gente se benze

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Esteve em Madrid, acompanhado de seu filho, o nosso estimado amigo e assinante, sr. Jorge Arez de Mascarenhas, industrial em S. Paulo (Brasil).

Com sua esposa, esteve nesta vila, de visita a seus pais, o nosso prezado amigo e assinante, sr. João Ribeiro Clemente, funcionário do Banco de Portugal, em Portimão.

Com pouca demora, esteve em Lisboa o nosso prezado amigo e assinante, sr. Francisco Alves do Carmo Pessanha.

Deu-nos o prazer da sua visita, na nossa redacção, o distinto investigador histórico e publicista, sr. Augusto Krusse Affilho, grande admirador das belezas do nosso Algarve, tendo enaltecido o nosso jornal pelo seu aspecto gráfico e óptima colaboração.

Encontra-se nesta vila o nosso prezado conterrâneo e assinante, sr. Emilio Garcia Ramirez, conceituado industrial, residente no Porto.

Com curta demora, esteve nesta vila o nosso prezado amigo e assinante, sr. Domingos Sancho de Sousa Uva, conceituado industrial.

Encontra-se em Alfandanga, de visita a sua família, a menina Maria Benedita Correia Santos, filha do nosso prezado assinante, sr. João Aguilera dos Santos.

Foi a Lisboa, com curta demora, o nosso prezado assinante, sr. Noémio Pescada.

Com sua esposa, retirou para Lisboa o nosso prezado amigo e assinante, sr. Delmonte Nolasco Fernandes de Vasconcelos.

Casamentos

Em Lisboa, na igreja de Santa Isabel, realizou-se o casamento da sr.^a D. Bertine Casimiro de Lima, filha do nosso prezado amigo e assinante, sr. José de Lima, industrial de metalurgia nesta vila, e da sr.^a D. Afonsina Casimiro Lima, com o sr. Carlos Calheiros Afonso da Silva, empregado de escritório, filho do sr. Manuel Afonso da Silva, agente técnico de engenharia, e da sr.^a D. Berta Calheiros Afonso da Silva. Foram padrinhos do noivo, seus pais e da noiva, seu pai e sua irmã, sr.^a D. Afonsina Casimiro de Lima. A cerimónia, na qual tomaram parte algumas famílias da nossa terra, foi acompanhada a órgão.

Na Casa do Alentejo, foi servido um esplêndido copo de água.

Os noivos seguiram em viagem de núpcias para o Norte.

Aos novos conjugues, «Notícias do Algarve» desejam muitas felicidades.

Na vila de Barrancos, realizou-se ontem o enlace matrimonial da sr.^a D. Maria Helena Vasques Garcia, gentil e prezada filha do nosso amigo sr. António Vasques Garcia, abastado proprietário naquela vila alentejana, com o nosso conterrâneo, sr. eng. Joaquim José Capa Horta Correia, filho da sr.^a D. Laura Capa Horta Correia e do nosso estimado amigo e prezado assinante, sr. dr. António Virgílio Horta Correia. Foram padrinhos da cerimónia, por parte da noiva, seu pai e sua irmã, sr.^a D. Teresa Vasques Garcia, e por parte do noivo, os pais do mesmo.

Aos recém-casados, que seguiram em viagem de núpcias para Palma de Maiorca (Baleares), «Notícias do Algarve» augura muitas felicidades no seu novo lar.

quando fala delas. O Rocha, que já emprendia por tudo e por nada, acabou por lhe dar um ataque, que o atirou — não se sabe por quanto tempo — para o Miguel Bombarda. É o que acontece? Agora, que o pobre precisa de mais assistência é que lhe cortam o vencimento! Não está bem. É preciso atender os pobres. Protegê-los. Defendê-los, quando a fatalidade os persegue. A fraternidade deve começar na lei.

Epigrama inocente

Vulcano quis, certo dia, cortar um metal mais duro, porém não estava seguro com que instrumento o faria. Buscou, não pôde encontrar. Por fim, manda preparar o seu fogoso corcel e vem à Terra buscar a língua da Isabel.

Um conselho

Que importam as árvores, as flores, os campos verdejantes? Minha amiga, floresce o teu coração para que haja autêntica primavera.

O ALGARVE exaltado

PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

da, dos pomares fecundos e das hortas temporãs. E' este o «barrocal», faixa extensa, de argilas, calcários e grés, que vai desde o Guadiana até às colinas de Vila do Bispo. Terra úbera, nela tudo se reproduz e frutifica. Na sua paisagem estão alguns dos mais saborosos e típicos recantos algarvios. Fixe, através da objectiva fotográfica, essas chaminés rendilhadas, as casitas caiadas e as figuras com que a cada passo cruza, de corpos secos e rostos morenos. Não perca essa carinhosa trepidante, em que vai um casal, de regresso do mercado, ao chouto dum cavaleiro nervoso.

O «barrocal» é a mancha verde-clara das amendoeiras, a rede de estradas planas debruadas de malva-rosa e de gerânios, os verdegéis víscosos e os povoados limpos, com a brancura da neve. E' o pomar de laranjeiras de frutos enormes, de casca fina, sumarentos e doces, e é ainda o vinhedo onde se cria a melhor uva de mesa de Portugal.

Dormem aí as lendas guerreiras e românticas dos árabes, e grita, saltitante e coreográfico, o característico folclore algarvio.

Atravessada a zona intermédia, o leitor alcança o deslumbrante litoral do Algarve. E' a antiga costa do Chenchir, onde aportou a moirama e donde, séculos depois, partiram, de Lagos, as naus de D. Sebastião. Plana e arenosa a Sotaventio, é um paredão de arribas vermelhas e douradas a Barlavento. Abra o espírito a toda essa emotiva paisagem, seja sensível perante os seus singulares e raros pontos de vista, sob a vibração da luz apeteitosa.

Também o mar é azul, «turquesa», nos baixios e ultramarino nos abismos. Junte a isto a areia cor de pérola, os sapais esverdeados, a penumbra das furnas, os caprichos erosivos dos algares, o aspecto estranho e gracioso das arribas ruinfornas, a agudeza das cidades claras e o pitoresco insular da costa do Centro, e terá assim, diante de si, a cor e a forma de um dos mais belos retalhos do litoral europeu.

Percorra essas arribas e, numa sebe de piteiras, numa nega de azul, numa parede caiada e num caminho de argila, recordará a paleta de Pousão e as suas «tabuas» de Capri.

Refresque-se no mar tranquilo das praias recolhidas, porque aí o sol já é quente, nesta época, e convida ao prazer dum mergulho. Vá a Sagres ver as suas maravilhosas e desconhecidas praias, o Promontório e um dos maiores faróis da costa atlântica; nas ribas planálticas encontrará o surpreendente espectáculo de um matizado «rock-garden», cuja flora única já em tempos aqui descrevemos. Visite a Costa de Oiro, em Lagos, a Praia da Rocha, Carvoeiro, Armação de Pera, Albufeira, Faro, Olhão «mourisco», a linda Tavira, Cacela, Monte Gordo e Vila Real de Santo António. Quanta beleza aí tem para o prazer das suas férias!

Não lhe indicamos o rigorismo dum itinerário. Se o leitor colecccionou as crónicas anteriores sobre o Algarve, tem na mão todas as informações precisas. Caso contrário, não se preocupe muito, pois sempre lhe vamos dar um jeitinho.

Alojamento e mesa convenientes, só nas localidades do litoral, exceptuando a pousada de S. Brás de Alportel. Em Lagos facilmente lhe indicam os dois estabelecimentos hoteleiros, um no centro e outro, de recente construção, junto do posto de policia de estrada. Não se esqueça, em Lagos, dos deliciosos doces regionais, «Morgado» e «D. Rodrigo», manjares ambrosíacos, feitos de fios de ovos, açúcar, chila, amêndoas e chocolate. Na Praia da Rocha existem dois hotéis e algumas pensões. Uma das pensões de Albufeira, a «Albufeiren-

se», é modesta mas pode recomendar-se. Em Faro, o hotel, após as obras, ficou dotado de boas instalações; procure, nesta cidade, os restaurantes populares, onde poderá apreciar as sopas de marisco, os primeiros da horta, o gostoso xerém, o peixe grelhado e as ostras cruas com limão.

Neste sector, infelizmente, pouco mais lhe podemos indicar; prove, em Olhão, as caldeiradas e os mariscos do «Izidro», um pequenino refúgio em frente à praça do peixe, e, em Vila Real de Santo António, se lá estacionar, procure alojamento no hotel local. Se quiser uma refeição ou pernoitar, em Sagres, sirva-se da única pensão aberta durante todo o ano e que, embora de modestas instalações, lhe pode oferecer peixe fresquíssimo, lagosta de viveiro e as mais saborosas costeletas de carneiro de todo o País. Peça-as simplesmente grelhadas; deite-lhes, na mesa, manteiga fresca e limão, e verá que delícia.

Durante a sua estadia no Algarve, saboreie o vinho da região, tanto o de Lagoa como o «Risca de Seda» ou qualquer outro dos vinhedos, da beira-mar e do «barrocal». Apesar da sua elevada graduação, que não deve recear porque é desdobrado até obter o teor alcoólico para o consumo público, o vinho algarvio é ligeiramente seco e adstringente, deixando na boca, no entanto, um sabor de frutos olorosos.

Para se desedentar, tem a cerveja, quase sempre fresca em todos os estabelecimentos e, geralmente, mais barata que no resto do País. Em Portimão, quem quer lhe indica uns sítios escondidos onde a cerveja é gostosamente acompanhada por percebas quentes, «marisqueiras» e apetitosas.

Tudo isto lhe é desconhecido mas, por isso mesmo, tem o irresistível atractivo da novidade. Férias agradáveis no Algarve, é o que sinceramente lhe desejamos!

Agradecimento

A família de Juliana dos Santos Aleixo vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram assistir ao funeral da saudosa extinta, e bem assim às que compareceram na missa celebrada em 14 do corrente.

Receando incorrer em qualquer falta involuntária, vem expressar a todos o seu perdurável reconhecimento.

CINE-POZ

Apresenta, hoje, um acontecimento cinematográfico, *Negra é a minha cor*, com Roberto Cañedo, Marga López e Rita Montanes. A história emocionante de uma mulher branca, de raça negra, que foi enganada no amor e viveu enganando os homens numa constante mentira. (Espectáculo para indivíduos com mais de 18 anos).

Terça-feira, 19, um filme de aventuras, *A seita do círculo vermelho*, com Charles Quingley, Herman Brix e Cardie Landis.

As aventuras de 3 artistas de circo, conhecidos pelos «três diabos do círculo vermelho», que tomam a seu cargo a defesa de um milionário, injustamente raptado e maltratado por um grupo de sanguinários bandidos. (Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos).

Quinta-feira, 21, exhibe o filme colorido, extraído da célebre obra de Alexandre Dumas, *Os três mosqueteiros*, com Gino Cervi, George Marchal e Yvonne Sanson, num deslumbrante e movimentado espectáculo. (Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos).

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

Frutos secos do Algarve

Segundo o Relatório do Grémio dos Exportadores de Frutos da nossa província, os dez maiores exportadores no ano findo foram as seguintes firmas: António Neves Pires & C.^a, Lda., com a percentagem de 22,440, seguindo-se União Exportadores do Sul, Lda., 12,700; Sociedade Commercial Abel Pereira da Fonseca, 11,640; J. F. Guerreiro (Sucessores), Lda, 8,390; Albuera-Estabelecimentos Com. de Frutos do Algarve, Lda., 6,580; David Mendes Madeira, 6,050; Nunes (Irmãos), Lda., 3,070; Teófilo Fontainhas Neto, 3,082; João Bernardino Pires, 2,430 e F. C. Modesto Júnior, 2,210. O total das exportações algarvias foram as seguintes: miolo de amêndoa, 3.351.450 quilos; amêndoa em casca, 866.863 quilos; figos, 9.946.486 quilos; pasta de figo, 150.113 quilos; alfarrobas, 18.823.576 quilos; produtos hortícolas, 506.300 quilos, e frutas verdes, 13.085 quilos.

Quando ao problema da alfarroba, diz-se: «Na serra do Algarve, contra toda a expectativa, ainda se não fez qualquer ensaio sério, quanto a plantações de alfarrobeiras, quer por parte do Estado quer dos particulares». E nós acrescentamos: e é bem lamentável que tal não se faça, pois, além de se aumentar a produtividade do nosso solo, evitar-se-iam os desoladores efeitos da erosão que cada vez empobrece mais o solo árido e pedregoso da nossa serra.

Se fôssemos maus, diríamos: é bem feito! No citado relatório, podemos considerar a história anual de uma das mais nobres actividades da nossa gente, vem este grito de alarme: «Há, presentemente pronunciada subida nos preços dos fretes, e se assim continuar maior será a dificuldade na colocação deste produto (alfarroba) nos mercados estrangeiros, para os que por

PELA PROVÍNCIA

VILA NOVA DE CACELA

Encontrado morto No passado dia 14, foi esta freguesia alvorçada, por ter sido encontrado morto um homem, no sítio da Manta Rota, o qual se verificou ser José da Rosa Justo, viúvo, de 55 anos, trabalhador, natural e residente nesta freguesia.

Compareceu no local uma patrulha da Guarda Nacional Republicana, comandada pelo comandante do posto de Vila Real de Santo António, sr. Francisco Guerreiro, que ficou de guarda ao cadáver, até que o sr. Dr. Matos Parreira, Delegado do Procurador da República, nesta Comarca, ordenou a remoção do corpo para o cemitério local, onde o médico, sr. dr. Albano de Lencastre, verificou o óbito, sendo de parecer que não houve crime, pelo que foi ordenado o seu enterro.

Erá pai de Manuel e José da Conceição Justo, trabalhadores, e de Maria da Conceição Justo.—E.

Novos assinantes

Tivemos o prazer de inscrever como assinantes do nosso jornal, por intermédio do nosso conterrâneo sr. Manuel Samúdio, residente na Póvoa de Varzim, os srs. António José da Rosa e João da Palma Carmo, nossos conterrâneos.

Também inscrevemos como assinante o sr. José Ferreira, residente nesta vila.

A todos, os nossos agradecimentos.

parte das nossas autoridades competentes possam ser dadas facilidades nos transportes de alfarrobas, actuação que julgamos possível».

Evidentemente que, pelo caminho que as coisas estão a tomar, corre-se o risco de uma elevação de fretes para o Algarve, e a culpa cabe exclusivamente aos exportadores, pelo menos àqueles exportadores mal avisados ou de reacções tardias. Nós, oportunamente, já assinalámos o perigo. Não nos venham agora com choradeiras implorativas às autoridades. A culpa é exclusivamente dos exportadores, e se estes não acordarem a tempo, ver-se-ão a braços com um problema que terá sérias consequências em toda a economia da nossa província, com a agravante de que serão também atingidos aqueles que evitaram contribuir para a ruína da economia do Algarve.

Se a mercadoria, em vez de se dispersar em pequenos lotes, se concentrar em porto seguro; se os navios tiverem a certeza de que não terão que perder tempo, correndo o risco, depois de dias de espera, de abandonar a costa com os porões vazios; se, além disso, tiverem a garantia de que, em meia dúzia de horas, farão um carregamento que, normalmente e em óptimas condições de tempo, leva um dia ou dois, então podem os exportadores estar certos de que os fretes não subirão. Nenhum navio abandona trezentas ou quatrocentas toneladas de carga recebidas comodamente e em poucas horas. Mas agravará, certamente, a mesma tonelagem, se a carregar em condições precárias, em pleno mar, sem a garantia de poder receber o volume de carga inicialmente comprometido, e sem a certeza do tempo que perderá na recepção dessa mesma carga. Estes factores, rigorosamente considerados por armadores e capitães, parece nunca terem impressionado os nossos exportadores. E' pena que os agentes de navegação não lhes tenham dado noticia dos relatórios que sobre portos do Algarve têm sido redigidos por alguns capitães. E' pena, efectivamente! Talvez o grito de alarme dos exportadores de frutos secos não tivesse cabimento no seu relatório. Se fôssemos maus, diríamos: é bem feito! Assim, limitamo-nos a pedir que não agravem insensatamente a economia da nossa província.—J. B.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



FABRICA DE TINTAS EXCELSIOR

TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositarie nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República — Telefone 12 —

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 8 a 15 de Abril:

TRAINEIRAS	
Brisa	43.600\$00
Flor do Sul	41.200\$00
Liberta	38.880\$00
Maria Rosa	27.925\$00
Infante	26.470\$00
Agadão	24.150\$00
Flor do Guadiana	23.020\$00
Carmela	20.915\$00
Sam Domingos	19.790\$00
Raulito	19.745\$00
Deolinda Rita	16.410\$00
Levante	15.300\$00
Janita	12.912\$00
Tóluiz	6.800\$00
Pérola do Guadiana	5.095\$00
Persistente	4.680\$00
Arrifana	1.820\$00
Costa Azul	1.730\$00
Total	350.442\$00

CERCOS	
Cruzeiro	15.430\$00
Novo S. José	3.815\$00
Amazona	780\$00
Total	20.025\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 9 a 15 de Abril:

Entrados:
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.
SHELL ONZE, Português, de 358 ton., de Lisboa, com gasóleo.
SÃO MACARIO, Português, de 1039 ton., de Lisboa, vazio.
LAUPEN, Suíço, de 468 ton., de Tânger, com carga em trânsito.

Saídos:
SCHWANECK, Alemão, para Hamburgo, com conservas, alfarroba triturada e farinha, e cortiça, para a Alemanha, Checoslováquia e Áustria.
ZÉ MANEL, Português, com minério, para Lisboa.
SHELL ONZE, Português, para Lisboa, vazio.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 16 a 22 de Abril, a Farmácia CARMO, Rua S. João de Brito - Telefone 31.

MADRINHAS para militares na Índia

OS furriéis milicianos, em serviço no Estado da Índia, srs. António Ventura Martins Figueiredo e Carlos Alberto Carvalhido Pacheco, manifestam-nos o seu desejo de estabelecer correspondência com senhoras que queiram dispensar-lhes o conforto espiritual de que carecem, pois confessam-se «dois milicianos que não têm a felicidade de receber correspondência por parte das raparigas da nossa terra, que tanto amamos e de quem tão longe estamos».

A correspondência pode ser dirigida para: Bateria de Artilharia «D. João de Castro» - Velha Goa — Índia Portuguesa.

Falecimentos

José António Molarinho Faleceu nesta vila, em 13 do corrente, o sr. José António Morinho, de 75 anos de idade, sapaiteiro, natural de Castro Marim. O extinto deixa viúva a sr.^a D. Ermelinda do Carmo, e era pai dos srs. José António Molarinho, ajudante notarial, Marciano Molarinho, António Alexandre Molarinho e Manuel do Carmo Molarinho. As nossas condolências.

Manuel Martins

No dia 15 do corrente, faleceu nesta vila o sr. Manuel Martins, de 65 anos, guarda reformado da Polícia de Segurança Pública, natural desta vila. O falecido era casado com a sr.^a D. Maria José Martins, e pai da sr.^a D. Ângela Martins Queiroga.

A família enlutada, apresenta-nos sinceros pésames. Estes funerais estiveram a cargo da «Agência Patrocínio».

D. Maria Veleda

Em Lisboa e com a idade de 84 anos, faleceu a sr.^a D. Maria Veleda, natural de Faro, que nos últimos anos da monarquia desenvolveu intensa actividade em favor do regime republicano. Foi conferencista, escritora, professora e jornalista, e conviveu e colaborou com as mais prestigiosas figuras da propaganda republicana, tendo, com D. Ana de Castro Osório, fundado a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas. Apesar de se ter ausentado da nossa província, há muitos anos, interessava-se pelo Algarve e orgulhava-se de ter aqui nascido.

Assina e propaga «Notícias do Algarve»

MUSSORGI

E O CASO DOS DOIS BORIS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

da primeira representação de Boris Godunow fora da Rússia — foi, como se sabe, na Ópera, em Maio de 1908). Porque a partir de 1909, a publicação sucessiva de textos musicais de Mussorgski até então desconhecidos, e da sua correspondência com Stassov, Balakirev e Rimski-Korsakov, das Memórias deste último e de uma multidão incessantemente acrescida de documentos de toda a espécie, mudou completamente o estado dos nossos conhecimentos e tornou necessária a refundição radical de todas as obras anteriormente consagradas a Mussorgski. E por outro lado, grande número de autores, rusos e outros, abordaram o estudo crítico das obras de Mussorgski. Foi o começo do processo de reacção e de atrição mútuas, pelo qual, com o tempo, se estabeleceu aquilo a que nós chamamos a verdade em matéria de crítica de arte.

Mas hoje, é um acontecimento de importância absolutamente particular que chama a atenção. As Edições do Estado Russo tomaram a iniciativa de publicar as obras completas de Mussorgski, segundo os manuscritos autógrafos, tendo a preparação desta edição sido confiada (como os leitores de «La Revue Musicale» o sabem já), aos cuidados esclarecidos do professor Paulo Lamm, de Moscovo.

Doravante, e até ao tempo em que essa publicação estiver acabada, marcharemos certamente de surpresa em surpresa. Afirma-se, por exemplo, que a revelação da Kovanchina, tal como Mussorgski a escreveu, será das mais instrutivas, e que aprendemos novidades acerca dos Cantos e Danças da Morte. Mas nada poderia exceder, quanto ao imprevisto, a impressão que se desprende da leitura do texto autêntico e integral de Boris Godunow, revelado pela primeira vez neste ano de 1928, cinquenta e seis anos depois do dia em que Mussorgski acabou a partitura definitiva (23 de Junho / 5 de Julho), e quarenta e sete depois da sua morte.

Até agora, não se podia conhecer, de Boris Godunow, senão um texto remanejado por outros; o da edição de 1874, publicada quando Mussorgski ainda estava vivo e sob o seu «controle», e recentemente reimpresso, nota por nota, por diversos editores fora da Rússia. Mas este texto, autêntico, sendo integral, não se podia fazê-lo conhecer no teatro, visto que o seu material orquestral necessário para este efeito continuava inacessível. O único Boris Godunow representado depois da morte de Mussorgski e até ao tempo presente, é o Boris remanejado por Rimski-Korsakov. E, após a longa campanha de protestos contra esta versão falsificada — campanha começada em 1896 por Pierre d'Alheim e continuada até ao aparecimento dos artigos e volumes do sr. Robert Godet — não é certamente já necessário voltar a falar do carácter deplorável desta revisão.

E depois de longo estudo comparativo dos textos da edição de agora e da de 1874, — do qual resulta que, desastrosamente, Mussorgski fizera cortes, sem dúvida sob a influência dos conselhos que lhe haviam dado os seus amigos, mais zelosos que clarividentes — (pois constata-se agora, pela edição integral, que «Boris Godunow» é ainda mais rico de beleza do que dava a pensar a melhor edição conhecida até ao presente), Calvocoressi termina o seu notabilíssimo artigo por estas palavras:

«Mas o essencial, à parte toda a música nova que esta edição de 1928 nos traz, é que a publicação dela se acompanha do facto de ter sido posta no mercado a partitura autêntica, com o respectivo material de orquestra. Não há já desculpa alguma para manter o falso Boris Godunow nos repertórios. Eu espero falar proximamente da orquestração de Mussorgski, acerca da qual têm corrido até aqui notícias assás contraditórias. Por agora, contentar-me-ei com referir aqui a resposta que Félix Blumenfeld, o eminente chefe que dirigiu Boris em Paris, em 1908, deu à pergunta que eu ansiosamente lhe fizera (e importa, para marcar bem o peso desta resposta, recordar que Blumenfeld preferia a revisão de Rimski-Korsakov ao texto autêntico): «A orquestração de Rimski-Korsakov é infinitamente melhor em si e mais brilhante, mas a de Mussorgski convinha melhor ao carácter da música de Boris.»

E' com um verdadeiro alívio que os admiradores de Mussorgski podem constatar que a respeito de Boris Godunow, nenhuma questão se põe já doravante,

à qual o texto autêntico e completo desta obra-prima não traga uma resposta clara e definitiva.»

Vê-se pois que, apesar da irritante cortina de ferro, pelo feliz sortilégio cultural da inteligência britânica, é hoje possível ao Ocidente o conhecimento do Boris Godunow autêntico e integral!...

E' curioso o encadeamento de acasos que se encontra neste assunto!

Assim: o barão Pierre Limozin d'Alheim, francês, casara com a cantora russa Maria Olenine, que combatia em favor dos lieder de Mussorgski, e que acabara por fundar em Moscovo, em 1908, uma Casa do Lied, com um boletim mensal inteiramente redigido por P. d'Alheim que, publicista, se tornara em França o ardente propagandista de Mussorgski e sobre ele escrevera em 1896 o livro que já tenho referido. Por seu lado, Paulo Alexandrovitch Lamm, russo, fora, primeiramente, pianista acompanhador de Mme. Olenine d'Alheim e depois director da firma Kussevitski. Sobrevinda a Revolução Russa, Mme. Olenine e seu marido haviam voltado para Paris; mas Paulo Lamm, depois da Revolução, ficou dirigindo a livraria musical soviética, devendo-se-lhe, entre outras edições, a admirável edição da versão original de Boris Godunow (Ed. do Estado Russo, 1928) — segundo o que leio a pag. 710 da 3.ª ed. francesa (1951) do «Dictionnaire de Musique», de Hugo Riemann, donde estou extraindo estes informes sobre os três apóstolos mussorgskianos.

Agora, independentemente de toda a politiquice, querer-se-á, para cá da famosa cortina de ferro, continuar no ramerrão do oiropel mentiroso? Não o creio.

Precisamente, no n.º 1 (abril 1954) da excelente música — revue d'informations et d'actualités musicales — se me depara um breve estudo do autorizado Inghelbrecht sobre L'affaire des deux Boris; e muito embora, por sumário ser «faute de place» (como ele declara) e nem sempre suficientemente elucidativo da história do caso (conforme se pode reconhecer pela comparação com o que tenho deslindado aqui...), nem por isso menos deixa esse artigo de referir também que «por fim o Estado Russo fez aparecer, ao mesmo tempo que a partitura de piano em língua russa e alemã, a partitura de orquestra segundo o manuscrito original de Mussorgski, e o material de orquestra.»

Escusado é já repetir que a colaboração de Rimski-Korsakov foi sacrilégio» (prossegue Inghelbrecht), embora a tal sacrilégio se devesse a ressurreição da obra: foi um andaime, porventura indispensável, pelo menos de facto, para que o verdadeiro edifício ressurgisse... «Robert Godet já pôs a questão e a resolveu devidamente: diferença de mentalidade, irreductível, entre os dois amigos, tendo Rimski sido perfeitamente sincero e generoso.»

Finalizando o seu sumário estudo, Inghelbrecht bem assinala que «o essencial era que o verdadeiro Boris fosse revelado entre nós, e isso é coisa feita desde há dezoito anos», — (embora sob forma de concerto, não de teatro) — isto é, desde que em 51 de Dezembro de 1905, «pouco depois da sua fundação, a Orquestra Nacional deu dele a primeira audição» sob a direcção, dele, Inghelbrecht pois só então este pudera realizar o seu desejo de «revelar em França o verdadeiro Boris», de cuja existência tivera a prova indubitável 22 anos antes, descobrindo casualmente em Berlim, em 1912, entre a papelada da troupe de Diaghilew cuja orquestra então dirigia, um dos raríssimos exemplares da partitura de piano e canto original, de 1874 da mesma edição, como já fiz notar, de que Saint-Saëns trouxera para França o exemplar que Jules de Brayer dera a conhecer e a Pierre d'Alheim a Debussy... «Seria preciso agora (termina Inghelbrecht) que todos os teatros, e a nossa Ópera antes de todos, expulsem da sua cena o usurpador «maquillé» pelo professor Rimski, e restituam todos os seus direitos ao «pensamento verdadeiro», de Mussorgski.»

Com vista especial, entre nós, à Direcção do Teatro Nacional de S. Carlos, e a quem nela superintenda, — ou, também, ao Empresário do lisbonense Coliseu dos Recreios.

Francisco Fernandes Lopes

N. B. — A fotografia de Mussorgski que aqui se reproduziu fora oferecida por ele ao seu editor W. Bessel, com a seguinte dedicatória:

«Ao promotor audacioso e útil da arte musical russa
1877/Fev.º 21. M. Mussorgski»



DESporto

O 36.º aniversário do Silves Futebol Clube

SILVES — Foi aqui festejado, no dia 4 do corrente, o 36.º aniversário do Silves Futebol Clube. Numa das suas janelas, ao toque de alvorada pela Filarmónica Silvense, que tão gentilmente se ofereceu para colaborar neste aniversário, foi içada a sua bandeira, ouvindo-se tocar, em seguida, o hino da cidade.

A manhã indicava bem que tinha surgido um dia de lindo sol, sol radioso do nosso Algarve! Pois foi nessa hora alegre da manhã, pelas 8 horas, sob um céu bem azul, que a Filarmónica Silvense percorreu todas as ruas da cidade, acompanhada de todos os elementos directivos do Clube, e de mais povo, saudando e agradecendo à boa gente de Silves a maneira carinhosa e entusiástica como tem acolhido com interesse e nobreza o engrandecimento de tão simpática organização desportiva, que é o Silves Futebol Clube. Tendo este honrado bem o desporto algarvio, tornou-se um dos mais populares clubes, não só pela sua disciplina nos jogos, como ainda pelo seu espírito sociável e correcto, de boa camaradagem, de que tanto carece o desporto português.

À noite, pelas 22 horas, realizaram-se no Clube duas importantes conferências pelo presidente do mesmo, sr. dr. José Júlio Martins e sr. João Rocha Cardoso, que em calorosas oratórias fizeram emocionar profundamente a enorme assistência que enchia o grande salão do Clube, tendo sido muito aplaudidos. Dissertaram sobre os primeiros passos do «Silves», seus fundadores, norteadores num ideal de Bem e de virtudes, que se tem mantido até hoje. Trouxeram-nos à memória o

I Congresso Leonino Algarvio, realizado em Silves em 4 de Junho de 1951, no Teatro Mascarenhas Gregório, a que presidiu o sr. dr. Góis Mota, hoje presidente do Sporting Clube de Portugal, de que o Silves Futebol Clube é a 4.ª Delegação.

Está, pois, «O Silves» de parabéns, não só por este seu aniversário, mas também pelas suas brilhantes vitórias alcançadas no campeonato corrente da III Divisão, em que não teve ainda uma derrota, nem um jogador castigado!

À educação física, impõe-se a boa educação desportiva! Há que enaltecer assim o Silves Futebol Clube!

M. S.

Glória Futebol Clube

No dia 14 de Março, findo, realizou-se a assembleia geral extraordinária do Glória Futebol Clube, para eleição de novos corpos gerentes, que ficaram assim constituídos:

Assembleia Geral — presidente, César Machado Pinto Pontes; vice-presidente, José Manuel Pereira; 1.º secretário, Ezequiel Fernandes; 2.º secretário, Manuel Baptista.

Direcção — presidente, António Amâncio do Sacramento Machado; vice-presidente, Manuel Cipriano; 1.º secretário, Manuel Francisco Ribeiro Alves; 2.º secretário, Alfredo Fernandes Neto; tesoureiro, Virgílio Antunes Lancha; Vogais, Rafael Guerra e Francisco de Sousa Cardoso.

Conselho Fiscal — presidente, José Bento Júnior; secretário, Manuel Monchique Ribeiro Alves; Relator, Gervásio Martins Estêvão.

Suplentes do Conselho Fiscal — Emílio Tenório Piloto e Francisco do Carmo Perrolas.

Suplentes da Direcção — Francisco dos Santos Ferreira, João António Alexandre, José Augusto da Silva, António Vasques Belo, Narciso Fernandes, João Ilídio Setúbal e Avelino Luís Fernandes.

O Glória Futebol Clube vai entrar em franca actividade!

Realiza brevemente (na sua sede), um torneio de Ténis de Mesa.

Criou mais duas secções desportivas: Voleibol e Basquetebol.

Em estudo: a criação da secção de Ginástica.

A secção de Teatro recomeça as suas actividades.

A Biblioteca (em formação), será uma realidade, dentro de algum tempo. Entretanto, continua angariando livros.

Assim, torna-se imprescindível que a massa associativa corresponda, colaborando e dando o seu melhor apoio a todas as realizações em prol do engrandecimento e prestígio do Clube, na certeza de que também contribuirá para a valorização da nossa terra.

COLUMBOFILIA

Continuando a campanha de 1955, realizou o G. C. Guadiana o concurso de Grândola, com os seguintes resultados:

Grândola: 148 km., 129 pombos encastados, velocidade por minuto. José A. C. Oeiras, 1.º dr. Manuel Vargas, 2, 7 e 23; Joaquim Branquinho, 3 e 5; António A'guas Vargas, 4 e 15; André Roque, 6, 9, 18 e 21; Manuel Custódio, 8; Manuel Forra, 10; António Vicente, 11, 20, 22 e 24; Amândio Joaquim, 12 e 26; Isidoro da Palma, 13 e 17; Jacob Aguilera, 14; João Parreira, 16; Gervásio M. Estêvão, 19 e 25.

Depois desta prova, a posição actual dos concorrentes é a seguinte:

1.º António Vicente, 137 pontos; 2.º dr. Manuel Vargas, 114 pontos; 3.º Isidoro Palma, 102 pontos; 4.º Joaquim Branquinho, 101 pontos; 5.º Gervásio M. Estêvão, 90 pontos; 6.º Carmo Oeiras, 86 pontos; 7.º André Roque, 85 pontos; 8.º João Parreira, 68 pontos; 9.º Manuel Custódio, 66 pontos; 10.º Amândio Joaquim, 65 pontos; 11.º António Vargas, 58 pontos; 12.º Manuel Forra, 39 pontos; 13.º João Alexandre, 32 pontos; 14.º Jacob Aguilera, 21 pontos; 15.º Pereira Leal, 12 pontos; 16.º Manuel Patrocínio, 9 pontos; 17.º Luís Carrito, 6 pontos.

A. R.

Câmara Municipal de Vila Real Sto. António

ANÚNCIO

Concurso público para execução das obras da «construção da Avenida da República-2.ª fase», em Vila Real de Santo António

Faz-se público que, pelas 15 horas do dia 10 de Maio do corrente ano, proceder-se-á, perante a Câmara Municipal deste Concelho, no edificio da sua sede, ao concurso público indicado em epígrafe.

Base de licitação . . . 381.289\$00
Depósito provisório . . . 9.532\$30

O processo do concurso encontra-se patente, durante as horas de expediente, na Secretaria Municipal, devendo o depósito ser efectuado mediante guia passada pela mesma Secretaria, em qualquer dia útil, até à véspera do concurso, na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência.

Vila Real de Santo António, 7 de Abril de 1955.

O Presidente da Câmara,

Alonso Vasques

APONTAMENTOS

SOBRE O FIAT «600»

A Fiat, a maior organização industrial da Itália e uma das maiores da Europa, que constrói automóveis desde 1899, ou seja desde os alvares do automobilismo, acaba de lançar um novo modelo — o «600» —, intitulado como «pequeno automóvel de 4 lugares».

Se o Fiat «novo 1100» representa, na categoria dos automóveis médios, vigoroso progresso, o Fiat «600», na classe dos pequenos automóveis, dá um impulso à produção da Fiat. Para a construção do «600» a Fiat investiu, em novas máquinas e aparelhos, muitos biliões de liras. Sabe-se que nas obras de modernização das suas fábricas, desde as siderúrgicas até às oficinas de produção automobilística, a Fiat empregou, desde 1946 até hoje, mais de 10 milhões de contos.

Não nos devemos esquecer de que foi a Fiat a primeira fábrica do Mundo a criar o pequeno automóvel utilitário — o «500», nascido em 1936 e já espalhado pelos países de todos os continentes.

Mas falemos do Fiat «600», o primeiro pequeno automóvel de 4 lugares, de projecto e construção inteiramente italianos, e destinado a superar em profundidade e extensão o grande sucesso do seu antecessor. Resultado de um longo estudo e de laboriosas experiências, os problemas técnicos que a Fiat teve de resolver para obter 4 lugares cómodos, num automóvel, com as mesmas dimensões do «500», mais leve, mas não menos seguro e resistente, e em tudo mais moderno, foram muito difíceis.

Tornou-se necessário resolver problemas de utilização do espaço, do motor, das suspensões, da direcção, da estabilidade, do arrefecimento, da ventilação e do aquecimento interior, e muitos outros. A Fiat resolveu todos estes problemas na realização do projecto do «600»: motor, embraíagem, caixa de velocidades e diferencial, formam um grupo único colocado na parte posterior do veículo.

As rodas, incluindo as trazeiras, independentes, os 4 cilindros, as válvulas à cabeça, a regulação automática de temperatura, os amortecedores hidráulicos, telescópicos, de duplo efeito, dão um conjunto apreciado. A alavanca de comando é ao centro do carro, em posição muito cómoda, tornando a operação de mudança das velocidades fácil e agradável, sendo a 2.ª, 3.ª e 4.ª sincronizadas.

A carroçaria é monobloco, cientificamente estudada para obter a máxima rigidez com o menor peso possível. Tem duas portas, parabrisas curvo e os vidros laterais das portas são de correr; lugares cómodos com as costas dos assentos móveis. Baixando o encosto do assento posterior, corrido, obtém-se um plano que pode ser utilizado para transportar bagagem volumosa, o qual é coberto de borracha; com 4 pessoas no carro, a bagagem pode ser colocada atrás do banco posterior e à frente sob o «capot».

Conclusão: a estabilidade do Fiat «600» é perfeita, em quaisquer condições de estrada e velocidade. O conjunto de ensaios a que ele foi submetido constitui o capítulo mais persuasivo da realização e construção deste automóvel. Representa o que há de mais aperfeiçoado, actualmente, no campo da técnica construtiva.

TAXAS

DA EMISSORA NACIONAL

TERMINA, a 20 do corrente, em todas as estações dos C. T. T., o pagamento voluntário das taxas de rádiodifusão do 1.º semestre do corrente ano.

A mudança de residência ou do local de funcionamento do receptor deve ser sempre comunicada aos serviços de taxas da mesma Emissora.

CONFECÇÕES

Viresa, Lda

FÁBRICA DE CAMISAS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

RELÓGIOS - RELÓGIOS

Hoje, amanhã e sempre

BOAS MARCAS E COM REPUTAÇÃO MUNDIAL

SÓ NA ANTIGA CASA

RAMOS & MATEUS

R. Teófilo Braga - Vila Real de Santo António

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

O Doutor José Xavier da Silva Cavaco, Presidente da Comissão de Assistência Judiciária desta comarca:

Faz saber que correm éditos de trinta dias, contados da data da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando a requerida Maria da Conceição Soares, doméstica, ausente em parte incerta e cuja última residência conhecida foi no sítio das Hortas, desta comarca, para, no prazo de cinco dias, posterior ao termo dos éditos, contestar, querendo, o Pedido de Assistência Judiciária que, na respectiva comissão desta comarca, contra a citada, fez seu marido, Sezinando Martins Estêvão, trabalhador, residente nesta vila, para o efeito de intentar Acção Ordinária de Divórcio Litigioso.

Vila Real de Santo António, 18 de Abril de 1955.

O Presidente,

a) José Xavier da Silva Cavaco

O Chefe da Secção,

a) António Figueiras da Cruz

MOTORES 'DIESEL'
4 TEMPOS, ARRANQUE INSTANTANEO A FRIO

O MAIS ECONOMICO PARA AGRICULTURA E PEQUENA INDUSTRIA

AGENTES GERAIS NO ALGARVE

Emp. de Viação Algarve, Lda.

F A R O

VINHOS

Aguardentes e licorosos 100%. Antes de comprarem, consultem sempre o TREZE — Cartaxo.

TIPOGRAFIA MODELO
DE
VIRGÍLIO CORREIA MONTEIRO
TAVIRA

Confeção de todos os serviços gráficos para o Comércio e Indústria.

JORNAIS - RELATÓRIOS
ESTATUTOS - LIVROS

Carimbos em todos os géneros e entregues com brevidade.

No próprio interesse de V. Ex.ª, deverá consultar sempre os preços da TIPOGRAFIA MODELO

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

SABUJO MANSO

Do sabujo manso não abuses, porque debaixo da mansidão domesticada se alapa da sempre a natural ferocidade.

HISTORIADOR

O historiador é um homem que dá a impressão de deslocado no presente, onde se sente asfixiar. Dir-se-ia não e criado noutros tempos. Parece estar inscrito no seu lábaro o imperativo recomendado pelo Leonardo da Vinci aos artistas seus contemporâneos: «Fugire il più che si può gli abiti della sua età».

E, no entanto, conviria que o historiador fosse bem do seu tempo, e se intrinsecamente profundamente na vida social, para ganhar perfeito conhecimento dos homens. O conhecimento do presente lhe aproveitará para o conhecimento do passado.

LIBERDADE E POLÊMICA

A liberdade há-de amar-se para os dois lados — para o nosso, e para o lado do adversário. Não se meta a polemista quem, perante o seu adversário, sentir ganas de lhe fechar a boca, de lhe despedaçar a caneta, de o reduzir a torresmos, só porque se vê contestado nas suas opiniões, aliás com sinceridade. Polemista que julga ter feito monopólio da verdade, não admitindo que alguém divirja, de um milímetro, das suas razões, não ama a liberdade, mas apenas a sua liberdade.

A ELECTRICIDADE
E A CRIAÇÃO DE NOVAS INDÚSTRIAS
NO ALGARVE

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

cunsciência terá que ser considerada por aqueles que pretendam lançar-se em actividades industriais, e delas desejem extrair o maior lucro.

Para se ver quanto é medíocre a nossa fantasia criadora e a nossa incapacidade para enveredar por novos campos de actividade, vamos apontar o exemplo industrial de S. João da Madeira, há anos uma modesta vilória campesina, e hoje um dos mais laboriosos centros industriais do País. S. João da Madeira dista seis léguas do Porto, e grande parte da sua indústria está sobrecarregada com os transportes das matérias primas que importa daquele porto e do de Leixões, encargos que subsistem para os artigos manufacturados que exporta. Borracha, carvão, ferro, arame, couros, etc., depois de descarregados nos portos, sofrem as alcavalas da condução em camionagem ou caminho de ferro, com a agravante de que tem que haver transbordo neste, em consequência da diferença de bitola da linha férrea. Pois apesar de todos estes encargos, que não são pequenos, incómodos e perdas de tempo, florescem hoje em S. João da Madeira as mais variadas indústrias, todas elas podendo prosperar no Algarve, especialmente na nossa terra, em condições mais vantajosas não só no que respeita à poupança nos fretes, como também aos encargos portuários, mais elevados naqueles portos do norte do que no nosso.

E para elucidação dos possíveis interessados, vamos mencionar algumas das indústrias que se estabeleceram com assinalado êxito naquela vila nortenha: calçado (mais de 30 fábricas), capacchos de arame, bombas para água, bóias e bonés, chapalaria, lona, borraça, cadeiras portáteis, botões, torradeiras, velas de cera e estearina, vassouras, candeieiros artísticos, sedas, cigarreiras, cintos, cofres, passamanarias, peles de agasalho, pano crú, colchões de tela, escovas, espanadores, fogões de cozinha, formas para calçado, fundições, máquinas de costura, mobílias, guarda-sóis, lápis, malas, malhas, etc.

A razão única que nos pode explicar este fenómeno de localização de tão variadas indústrias em sítio que se nos afigura sem grandes condições para a maioria delas, é o espírito de iniciativa dos seus naturais. Fossem eles oriundos do Algarve, e S. João da Madeira não passaria da campêsina e tranquila aldeia que era ainda não há muitas dezenas de anos. Efectivamente, o algarvio, que é aliás inteligente e mexido, não sabe criar. Falta-lhe o espírito inventivo, talvez porque lhe sobre o espírito sonhador. Deu-se a pescar e a amanho o peixe, e como viu nas suas serras árvores de cortiça, enveredou, pela mão de outros que não eram algarvios, pela indústria corticeira, deixando, porém, aos estrangeiros que edificassem as grandes e complicadas fábricas na zona portuária

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

DESILUSÃO

À prosa, triste, volto os calcanhares, porque para prosar não tenho jeito, ergo para a poesia meus pensares, avanço para ela, enchendo o peito!

E medito: uma quadra? uma sextilha? — coisas fáceis, tão simples para mim... coisas de quem labuta na cartilha... um soneto? está bem, vai ser assim!

Papel, caneta, lápis, um tinteiro, tudo reuno, e sábio, prazenteiro, se não falta mais nada me pergunto;

Mas, à pergunta, fico embaraçado, penso, quebro a cabeça, um bom bocado e vejo, enfim, que não encontro assunto...

BIN OCLO

A VIDA DO PESCADOR

FRENTE à praia do Restelo, concentrou-se a frota bacalhoeira pronta a seguir para a Terra Nova para a sua longa e arriscada faina da pesca, em que se aplicam a angariar os recursos do seu sustento e das famílias centenas de homens cujo labor constitui um forte elemento da nossa economia.

Com oficial e comovente solenidade se realizou a usual bênção dos barcos, cerca de cinquenta, à qual assistiram além das tripulações e das famílias dos pescadores, o Governo e entidades representativas de todas as corporações e instituições ligadas ao acto por interesse directo ou razão de ordem moral.

O Arcebispo de Mitilene, sr. D. Manuel Trindade Salgueiro, que abençoou a frota, proferiu, na missa celebrada ao ar livre, uma alocução brilhante de espírito, de sinceridade e de beleza em que transmitiu, a quantos a escutaram, a própria emoção e o calor da Fé.

O serviço que os pescadores do bacalhau prestam à economia da Nação vem

de Lisboa. E, no entanto, tinha e tem, na sua e nossa província, as condições necessárias para também extrair bom proveito dessa indústria, localizando-a no sítio próprio, quase, a bem dizer, dentro do navio transportador e portanto em situação de vantagem com os concorrentes. Mas a rotina, a semi-sonolência, o deixar estar (sintomas próprios de um povo de sangue misto, que se inferiorizou na luta pela vida e na capacidade criadora de bem estar e de fartura), apenas avolumou o nosso cabedal de sonho inconsequente, as nossas possibilidades contemplativas de um sebastianismo madraço e improdutivo e a nossa afiniação de linguagem derrotista, que desanima em vez de alentar, que critica destrutivamente, em vez de incutir ânimo e optimismo.

E assim, verifica-se que a nação se divide em duas raças: para além do Tejo, há um povo laborioso e que sabe o que quer; para o sul, há apenas gente que se entretem a amanho terras e a colher e a industrializar peixes, não criando as bases de uma economia estável e que garanta lucros certos e trabalho continuo. Uma espécie de nómadas sem norte definido.

Esperemos, pois, que a electrificação do Algarve aguce o engenho dos naturais e ponha termo a este nomadismo económico. De outro modo, se a intimativa bíblica: «Levanta-te e caminha!» não acordar os mortos, teremos que aliviar aos estranhos as vantagens excepcionais do nosso recanto para lhes proporcionar, em troca de trabalho para a nossa gente, a fortuna que o indígena não soube ou não quis aproveitar.

J. B.

merecendo, como acção de justiça e inteligência, a devida e desvelada contribuição do Estado, proporcionando-lhe as possíveis facilidades, condições de segurança, sustento e saúde. Estas dezenas de navios seguem juntos mar fora, em procissão, como disse o sr. Arcebispo, aludindo ao facto de levarem consigo uma imagem da Virgem de Fátima que vão oferecer à catedral católica de S. João da Terra Nova, e os seus homens vão confiados, como os navegadores de outrora, em que Deus os guie e proteja na sua faina, até o dia alegre e desejado da volta à Pátria e ao lar.

As suas embarcações mais fortes e bem apetrechadas, a tranquilidade sobre o seu sustento e das famílias de que se separam, a certeza de assistência, que a presença do novo «Gil Eanes», o navio-hospital, lhes oferece, são modificações e benefícios que se devem à nova orgânica do Estado e ao pensamento dominador de melhorar e levantar o nível de vida das classes trabalhadoras.

A frota bacalhoeira, que se fez ao mar, é viva demonstração da reconquista do lugar de Portugal nos seus trabalhos e destinos. O mar é, como foi, a fonte de vida e sustento que a Providência legou aos portugueses; como que o designou timoneiros da civilização, sobrecarregando-os dos trabalhos e sacrifícios premiados com a glória, que havia de impôr a gratidão e o respeito dos povos; o mar assegurava-lhes, por via do labor e heroicidade, a riqueza e o sustento.

O Governo, obedecendo a tal critério, correu a auxiliar e a contribuir com a sua acção orientadora e construtiva, para que a faina e o destino que a Providência lhes atribuiu se efectuasse com as possíveis facilidades e conforto, com os meios e eventuais socorros que as modernas condições da existência e progresso exigem.

Vasco de Mendonça Alves

CASA

Vende-se uma, em Tavira, na Praça da República, composta de rés-do-chão, 1.º e 2.º andar. Nesta redacção se informa.

O AZEITE ALGARVIO SOFRE ANUALMENTE UMA DESVALORIZAÇÃO DE 9.000 CONTOS

DEVIDO À ACÇÃO NEFASTA DA MOSCA DA AZEITONA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Concluíram os delegados dos vários países reunidos em Florença, depois de estabelecerem um plano uniforme mínimo de experimentação, para ser executado em igualdade de condições nos vários países interessados, em remeterem para um grupo de especialistas de envergadura mundial o estudo da luta contra a mosca da azeitona pelo método biológico, e logo se encarregou a F. A. O. de conhecer o que já se havia feito.

Estabeleceu-se então um plano de trabalhos, de cuja execução em Portugal foi encarregada a Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas e a Estação Agronómica Nacional.

E' interessante relatar o que acerca do assunto consta das actas da Reunião de Florença, o que faremos a seguir.

Os ataques das moscas da azeitona, ou melhor, das lagartas nascidas dos ovos que elas puseram nas azeitonas, causam perdas elevadas, que se explicam como segue:

1.º — destruição da polpa da azeitona, o que leva à redução da percentagem de azeite.

2.º — aumento da percentagem da acidez do azeite, que vai de 1 a 2 graus num azeite de boa qualidade, mas que atinge de 10 a 15º e até mesmo 18 a 20º em certos casos (1 grau de acidez equivale a diminuir o valor do azeite em cerca de \$28 por kgr.!!)

3.º — queda prematura dos frutos.

4.º — pelo facto de as azeitonas de mesa se tornarem impróprias para consumo.

E ainda:

5.º — os métodos de armazenagem contribuem para o aumento das perdas.

6.º — o grau de infestação varia sensivelmente segundo a situação geográfica, a altitude e os anos.

7.º — A humidade e a temperatura têm uma grande importância no aumento do ataque da mosca, e é

«BOLETIM INFORMATIVO da Casa do Algarve»

EM edição comemorativa das «Bodas de Prata» da Casa do Algarve, devem sair brevemente, num artístico fascículo profusamente ilustrado, os n.ºs 6 e 7 do Boletim Informativo desta instituição regional, com formosa capa, em bicromia, dedicada a Albufeira, e o seguinte sumário:

Documentário gráfico; Novos sócios Honorários e Beneméritos; Justo preito — Comissões Organizadora e Reorganizadora da Casa do Algarve; Porto (soneto de D. Irene Callapez); Algarve — jardim de trinta léguas (conferência de Hermenegildo Neves Franco, no Porto); Actividades: Relatório e Contas da Gerência de 1954 e Parecer do Conselho Fiscal; Previsão orçamental para 1955; Informações diversas; Movimento associativo; No nosso «ecran» — Ao serviço do Algarve, e Mesas do Conselho Superior Regional e das Comissões.

O «Boletim Informativo da Casa do Algarve» é distribuído gratuitamente a todos os sócios da colectividade, Câmaras Municipais do Algarve e suas organizações turísticas, Hotéis, Pensões, Consulados e Embaixadas.

maior nas regiões costeiras ou em determinadas zonas do interior, de clima análogo.

Um dos métodos de maior sucesso na luta contra esta praga tem sido larga e constantemente realizado em Espanha, e consiste em capturar-las em apanha-moscas de vidro, contendo uma solução de 2% de fosfato de amónio, frascos estes que são colocados nas oliveiras, imediatamente antes da época em que o fruto é susceptível de ataque. Nesta altura, a azeitona atinge sensivelmente a grossura de uma ervilha. O número de armadilhas preparadas varia de 1 para 4 árvores, a 1 por árvore, consoante o número de moscas capturadas nos apanha-moscas.

A solução contida no apanha-moscas deve renovar-se uma vez por mês. A evaporação que se dá, entretanto, não altera muito a concentração do fosfato de amónio.

Em Espanha, depois de 10 anos de experiência, este método de luta parece dar melhores resultados do que os outros processos experimentados, tendo por outro lado a vantagem, que não é para desprezar, de ser pouco dispendioso, e facilmente aceite pelos olivicultores.

Em 1952, foi este método utilizado para proteger 1.700.000 árvores, em uma só das províncias espanholas, onde se verificavam habitualmente fortes infestações.

Nos anos de 1948/52, o azeite algarvio apresentou, em relação à produção de todo o País, expressa em toneladas, os pesos e percentagens seguintes:

Acidez dos azeites	Em todo o País	No Algarve	Relação em porc.
Até 1 grau	9.620	—	—
De 1º a 2,5º	50.758	98	0,5
» 2,5º a 4º	17.137	419	2,4
» 4º a 8º	8.117	1.511	16,2
Mais de 8º	2.510	1.165	46,3
Totais .	68.142	2.991	4,4

Se calcularmos os prejuízos representados pela desvalorização do azeite algarvio, devida sómente à acidez superior a 2,5 graus, verifica-se que não é inferior, em média, a 8.000 contos por ano.

A diferença desta verba, para os 9.000 contos acima indicados, encontra-se nas outras causas que atrás enumerámos.

E' este o prejuízo anual que é suportado pelos proprietários dos 2.550 olivais para azeite, de 194 para a produção de azeitona para conserva, e por muitos outros proprietários de oliveiras dispersas, que, segundo a Estatística das Explorações Agrícolas, existiam no Algarve em 1952.

Por outro lado, o facto de se não fazer ainda o combate a esta praga pode causar que alguns agricultores deixem de fazer plantações de olivais em locais onde, se não fosse este facto, talvez aconselhasse a sua cultura.

A. S. Pontes

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

O CONGRESSO DA IMPRENSA REGIONALISTA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Mas, o que também é fora de dividas é que o facto de se registar este desinteresse ou indiferença pela pequena Imprensa, não se deve, apenas, ao grande público, que lhe não dá a importância que merece, nem a auxilia, como seria de todo o ponto justo; nem ao Estado que dela se desinteressa, também, não lhe concedendo regalias semelhantes às dos grandes jornais, que são empresas comerciais e industriais e, portanto, destinadas a recolher lucros.

A culpa é, principalmente, da pequena Imprensa ou Imprensa Regionalista, que não se agremia, que não realiza os seus Congressos para poder debater questões de interesse geral, procurando também defender os seus e que, enfim, vive desarticulada, sem coesão, sem entendimento, sem qualquer meio de acção que a consiga impor aos olhos do público e alcance a atenção dos dirigentes para os seus problemas vitais!

Há quantos anos já que se realizou o I Congresso da Imprensa Regionalista Portuguesa?... Não nos lembra.

Mas, depois disso, quantas vezes se tem falado na realização do II Congresso, sem que os trabalhos para isso se tenham iniciado ou frutificado?... Tudo isto demonstra a falta de entendimento, de coesão, de iniciativa e a desorganização da pequena Imprensa, que vive ao Deus dará, entregue ao fatalismo da sua incompreensão, nada fazendo para se salvar do caos em que a sua indiferença a mantém!

Se é certo que o público, na sua maioria, e os dirigentes, dum maneira geral, não prestam à pequena Imprensa o auxílio e atenção de que é merecedora, a pequena Imprensa, por sua vez, também tem grandes culpas, em vista da sua imobilidade, do seu desinteresse em organizar-se, em agremiar-se, enfim, ventilar os seus próprios problemas, agitando-os e procurando os meios de os resolver!

O Congresso não se tem realizado por culpa da própria pequena Imprensa, pois só ela, que é a interessada, o poderá levar a efeito. Mas, digamos em abono da verdade: a maioria dos órgãos dessa Imprensa desinteressaram-se do Congresso! E sendo assim, como quer ela que lhe sejam concedidos benefícios, que lhe proporcionem vantagens, se é ela própria que se desinteressa pelos seus problemas?... Torna-se necessário realizar o II Congresso da Imprensa Regionalista, ou da pequena Imprensa, como lhe queiram chamar, se quisermos obter alguma coisa do muito que nos é devido, pela acção desinteressada que exercemos em benefício público, e do muito que nos sacrificamos pelos interesses gerais.

Em nosso entender, é este o principal ou o primeiro passo para se obter o que pretendemos. Mas para isso é indispensável que todos nos entendamos, que o mesmo é dizer que não falte nenhum dos órgãos dessa Imprensa a dar a sua adesão para a realização do Congresso! E lá serão debatidos todos os assuntos essenciais à vida dos pequenos jornais, e assim poderá nascer também, a sua agremiação, que será uma forma de podermos, oficialmente, solicitar, pedir e, possivelmente, conseguir alguma coisa do muito que é de justiça nos seja concedido!

Parece-nos, salvo melhor opinião, que é este o caminho a seguir.

José Gonçalves Rodrigues

ENSINO PRIMARIO

TERMINAM amanhã, segunda-feira, as férias da Páscoa nas escolas, recomeçando as aulas para todos os alunos do ensino primário.

A nova escola do sítio do Monte Tamissa (Hortas), desta freguesia, já se encontrava ao serviço antes das férias, no edificio recém-construído, o qual começou a funcionar sem qualquer cerimónia de inauguração oficial, pelo facto da antiga casa não oferecer condições para o ensino sem beneficiar de obras importantes de conservação.

Visado pela Comissão de Censura